

Panorama do Agronegócio no Sul

agro

& NEGÓCIOS

Brucelose

Deixe a doença longe do seu rebanho

Carreira

Você é o que o mercado deseja?

Cooperativas

Na crise, elas crescem

ANO 01 | EDIÇÃO 01
SETEMBRO DE 2017
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

santa
COMUNICAÇÃO

TUDO SOB CONTROLE

Saiba quais são as startups do Sul do país que estão revolucionando o agronegócio. Mais tecnologia, produtividade e lucro no campo

André Amant e
Paulo Henrique
Moretto Kehl
(Agrocodex)



INFLUENZA AVIÁRIA

UM DESAFIO CONSTANTE

A doença

A Influenza Aviária (IA) é a doença causada pelo vírus da influenza "A", pertencente à família Orthomyxoviridae, doença infecciosa, altamente contagiosa que afeta aves e pode ser transmitida também para muitas espécies animais. Os surtos de IA são causados por vírus de alta patogenicidade (HPAIV) que são aqueles que causam mortalidade alta em teste em galinhas SPF (livres de patógenos específicos), inoculadas em que podem causar até 100% de mortalidade, ou qualquer vírus H5 ou H7 que tenham a mutação compatível no sítio de clivagem da HA para alta patogenicidade.

Os vírus de IA de baixa patogenicidade (LPAIV) causam baixa mortalidade e se são subtipos de HA 5 ou 7 não possuem a mutação para alta patogenicidade. Mesmo um vírus considerado de baixa patogenicidade, pode sofrer mutações na sua hemaglutinina e se tornar de alta patogenicidade, caso que ocorreu no México em 2012. A IA de alta patogenicidade produz lesões e sinais clínicos no trato

digestório, respiratório e nervoso com hemorragias nas mucosas e serosas. O vírus da influenza A possui como código genético nove segmentos de RNA de fita simples e sentido negativo, seu vírion é envelopado, sendo este, incrustado por glicoproteínas chamadas Hemaglutinina (HA) e a Neuraminidase (NA). Essas glicoproteínas possuem uma grande variabilidade antigênica o que permite a infecção do mesmo hospedeiro por mais de um subtipo de vírus. Já são conhecidas 21 HA e 10 NA.

Possíveis impactos de surto de Influenza Aviária no Brasil

A avicultura comercial brasileira nunca reportou diagnóstico de IA de qualquer subtipo. A OIE (Organização Internacional de Epizootias) reconhece o Brasil como livre de IA, o que permite ao Brasil exportar carne de frango para mais de 160 países no mundo. Porém, um surto de IA tem o potencial para fechar as portas aos produtos de frango brasileiro na



Num surto de doença infecciosa, o diagnóstico rápido e a eliminação imediata dos animais afetados são fundamentais para o sucesso do controle

maioria desses mercados compradores e pior, se o surto não for eficazmente controlado tem o potencial para inviabilizar o próprio mercado interno de carne de frango e derivados.

Consequentemente os preços desses produtos disparariam no varejo, devido ao desabastecimento. Um cenário parecido aconteceu no México durante um surto de Influenza Aviária (H7N3) que afetou a avicultura de corte e postura daquele país, levando a um aumento de mais de 100% nos preços de ovos e carne de frango e seus derivados aos consumidores. Em 2015 um surto de Influenza Aviária (H5N2), que iniciou no Centro-Oeste dos Estados Unidos em aves de postura e perus e que posteriormente acabou afetando também frangos de corte e reprodutoras levou a um aumento de 120% do preço do ovo ao consumidor em algumas localidades daquele país. Somente para o controle dessa epidemia foram sacrificadas 43 milhões de aves em 15 estados. Além disso, uma epidemia em nosso país poderia afetar os preços das matérias primas utilizadas na avicultura. Outro aspecto importante da IA é que a doença pode ser transmitida ao ser humano, com risco de morte para a saúde da pessoa infectada. Mesmo que a maioria dos casos em humanos aconteça em condições especiais, o impacto no consumo pode ser grande, pela desconfiança do consumidor para com a condição sanitária da carne de aves.

Estratégias para prevenção e controle

A IA nunca foi diagnosticada nos plantéis avícolas do Brasil. Essa realidade não é compartilhada pelos demais países com avicultura comercial de maior importância no mundo, como é o caso dos Estados Unidos, países da comunidade Europeia, Tailândia e China. Na Ásia, a IA é o principal desafio para sustentabilidade da avicultura de corte ou postura e de outras espécies como pato e ganso.

As aves aquáticas selvagens são os reservatórios dos vírus da influenza na natureza, mas geralmente, essas aves albergam vírus de baixa patogenicidade que quando infectam e se replicam em aves domésticas, podem levar a mutação que gera o surgimento de um vírus de alta patogenicidade. As aves migratórias viajam do Ártico até a Antártica o que deixa o Brasil sob algumas rotas de migração dessas aves. No ártico, essas aves interagem com outras provenientes de diferentes regiões do mundo como Ásia, Europa e África, o que pode levar a transmissão de vírus entre estas. Aqui na América do Sul, o Chile já teve um surto de IA em 2002 e outro recentemente anunciado em janeiro desse ano, um vírus H7N9, em um plantel de perus, possivelmente devido ao contato com aves migratórias.

Por isso, todos os esforços são necessários no sentido de impedir o contato direto ou indireto de aves silvestres com as aves domésticas e principalmente com as criações comerciais. Estudos realizados em aves migratórias no Brasil já encontraram vírus IA nestas aves, mas felizmente são vírus de baixa patogenicidade.

A preocupação com doenças como a IA vem desde o princípio da avicultura. Com isso, ainda em 1994 foi criado pelo MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimen-

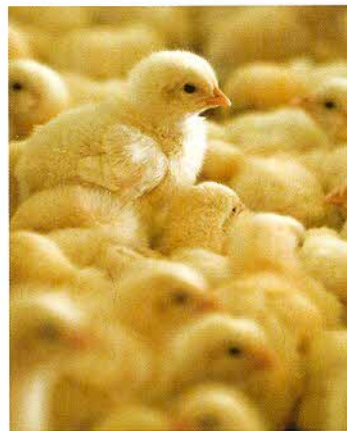


FOTO: CESAR MAC-HADAGROSTOCK

to, o Programa Nacional de Sanidade Avícola (PNSA), mediante a Portaria 193 daquele ano. A Secretaria de Defesa Sanitária Animal (DAS) no âmbito do PNSA criou normativas de biossegurança mínima, fiscalização, o plano de prevenção e controle de Influenza e doença de Newcastle (DN) em todo território nacional. Além disso, são realizados treinamentos com exercícios simulados para as equipes das agências de defesa dos estados, secretarias de agricultura estaduais em parceria com o MAPA, para que os órgãos de defesa estejam sempre prontos para controlar surtos de IA.

O PNSA conta com uma rede nacional de laboratórios credenciados para realizar o diagnóstico de IA e DN, além do seu laboratório de referência (LANAGRO) para a confirmação dos resultados e identificação dos subtipos envolvidos. Num surto de doença infecciosa, o diagnóstico rápido e a eliminação imediata dos animais afetados no surto são fundamentais para o sucesso do controle. Quanto mais ágil, menores são as chances de disseminação da doença.

No seguinte endereço (<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sanidade-animal-e-vegetal/saude-animal/programas-de-saude-animal/sanidade-avicola>) podem ser acessadas informações sobre o Programa de Sanidade Avícola, Plano de Contingenciamento da Influenza Aviária e Newcastle e as principais normas de controle vigilância e fiscalização da sanidade avícola brasileira.

Porém, pouco do que foi relatado aqui será efetivo se toda a sociedade e principalmente os envolvidos diretamente com a cadeia avícola, de corte e postura, não fizerem a sua parte para evitar a entrada e a disseminação da influenza aviária no país. A biossegurança é uma questão educacional e como tal deve ser tema rotineiro de formação, discussão e melhorias. A medida que avançam os conhecimentos sobre o controle de influenza novas normas e medidas mitigatórias são criadas, assim é importante estarmos sempre aprendendo com cientistas e agentes de defesa de países que já passaram por surtos da doença, o que funciona e o que não funciona para o controle. ■



FOTO: BANCO DE IMAGENS EMBRAPA

Luizinho Caron

Médico Veterinário,
Doutor em Genética
e Biologia Molecular
Área Virologia
Pesquisador Embrapa
Suínos e Aves

Autor para correspondência:

luizinho.caron@embrapa.br